

PRÁTICA DOCENTE: EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS COMO BOLSISTA PIBID UCPEL – SUBPROJETO BIOLOGIA (CASCATA, RS).

MARCO ANTONIO MEDRONHA DA SILVA FILHO¹; ADRIANA SILVA GALHO²

¹UCPel – Licenciatura em Ciências Biológicas – marcomedronha@hotmail.com

²UCPel – Centro de Ciências da Vida e da Saúde – adrianagalho@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

As escolas têm suas características e peculiaridades, visto que podemos evidenciar diferentes realidades e contextos culturais, que são marcas das diferentes comunidades escolares. Além disso, sabemos o quanto é difícil para o educador conciliar os conteúdos previstos no currículo e o preparo de aulas ou atividades que despertem um maior interesse por parte dos aprendentes. Contudo, temos a consciência que não são apenas os momentos de prazer e descontração que contribuem para o aprendizado, já que os momentos difíceis também nos mostram o quanto podemos crescer, amadurecer e desenvolver um posicionamento crítico e humanizado diante das escolhas que fazemos na vida (DEMO, 2004).

Os temas transversais são exemplos de importantes conexões que podemos fazer com o universo mutante dos jovens, permitindo a sua identificação com questões atuais e reflexões que podem aproximar o educador de seus educandos. Contudo muitas vezes o professor não tem tempo de incorporá-los no conteúdo curricular ou também não se sente preparado ou à vontade para discutir determinados assuntos com as turmas, como: sexualidade, questões de gênero, preconceito, entre outros.

Os jogos temáticos têm proporcionado um melhor aproveitamento e fixação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, permitindo aos estudantes uma maior interação com os mesmos de maneira mais crítica e produtiva. Assim, ao prepararmos uma atividade, podemos não apenas transmitir uma informação, mas também compartilhar saberes e permitir que se tornem agentes de seu próprio conhecimento (FREIRE, 1996; DEMO, 2004).

Este trabalho tem o objetivo de relatar as primeiras impressões e expectativas vivenciadas numa escola do meio rural, como bolsista do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UCPel, a partir das atividades propostas no subprojeto Biologia.

2. METODOLOGIA

Ao chegar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ministro Arthur de Souza Costa (EMASC), na Cascata - 5º Distrito de Pelotas-RS, o grupo de acadêmicos de Ciências Biológicas, bolsistas do Projeto PIBID/UCPEL, ficou receoso quanto à receptividade da comunidade escolar com relação ao

desenvolvimento das atividades propostas. Isso porque sabemos da dificuldade que o educador encontra para inovar a prática docente, desprendendo-se do ensino tradicional ainda presente nas escolas e vivenciado por muitos de nós, na condição de “alunos”.

Após um diagnóstico, sentimos a necessidade de apresentar uma proposta diferente de ensino-aprendizagem, ao passo que havia a incerteza se os mesmos corresponderiam às nossas expectativas diante deste novo desafio. Contudo, obtivemos boas surpresas, pois vários professores e funcionários nos receberam de forma positiva, inclusive propondo-nos parcerias em projetos que já estavam em andamento ou colaborando com novas ideias. Igualmente os estudantes mostraram-se interessados, receptivos e motivados a contribuir com o subprojeto.

Tais expectativas correspondem às percepções que construímos sobre a realidade escolar, bem como as práticas pedagógicas que são reproduzidas no cotidiano educacional. Compartilhando dessa mesma reflexão, ARROYO (2011), nos fala sobre as “imagens e auto-imagens” que temos sobre o ofício de mestre, professor, educador. Segundo o autor, o saber-fazer, daqueles educadores e educadoras do passado deixou suas marcas na nossa prática como educadores contemporâneos.

Os jogos pedagógicos/didáticos temáticos foram então adotados pelo grupo da biologia, nas atividades realizadas com diferentes séries da escola. Assim, cada encontro foi previamente elaborado a fim de introduzir uma temática que pudesse contribuir com as aulas dos professores de ciências como assuntos que foram se fixando de acordo com as necessidades ou interesses esugestões dos próprios estudantes daquela escola.

Associamos conteúdos curriculares e transversais à jogos de tabuleiro, por exemplo, que eram elaborados pelos próprios alunos, juntamente com apresentações de filmes e projeções que fugissem do tradicional, trabalhando diferentes assuntos de maneira informal e que permitisse uma aproximação com as turmas.

Assim, após cada atividade criada pelo grupo e colocada em prática com os estudantes da escola, procuramos sempre desenvolver uma avaliação em forma de exercícios, perguntas, jogos, produções textuais, por exemplo, a fim de fixar o assunto, desenvolver o lado crítico e produtivo individual, bem como fazer uma auto-avaliação dessa proposta que levamos para aperfeiçoá-la numa próxima oportunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os projetos trabalham assuntos que são fundamentais na escola, mas que exigem muito cuidado à medida que estão contextualizados num ambiente que possui outras estruturas, mecanismos, processos e procedimentos. Seguidamente eles são trabalhados fora desse contexto, sem gerar

significações e atuações que de nada servirão ao aluno, não produzindo “eco” algum destes conteúdos (NOGUEIRA, 2001). A partir deste entendimento, pudemos justificar a análise prévia (diagnóstico) feita juntamente com a comunidade escolar e que nos ajudou muito no processo de aproximação dessa realidade da escola.

Percebemos que muitas vezes os estudantes não têm um espaço para desenvolver suas ideias, tendo como base o conteúdo que está sendo trabalhado na sala de aula. Assim, procuramos oportunizar estes momentos nas atividades e oficinas, visto que o processo de aprendizagem consiste em uma “dinâmica reconstrutiva”, ou seja, o aluno só aprende à medida que reconstrói o conhecimento: “não pode permanecer em escutar, copiar e desenvolver de modo reprodutivo na prova” (DEMO, 2004, p. 14).

Na maioria das vezes, as turmas demonstraram grande interesse por esse tipo de atividade, que foge do cotidiano da sala de aula e, assim, apresenta resultados satisfatórios frente à metodologia proposta. Porém, também vivenciamos situações onde alguns alunos não corresponderam conforme o previsto, talvez por estarem acostumados com métodos mais convencionais de aprendizagem ou não demonstraram interesse por certos assuntos transversais.

Um exemplo vivenciado pelo nosso grupo mostrou o desinteresse de uma turma de 7ª série ao abordar as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e sexualidade. A maioria não quis participar de um diálogo aberto proposto por duas acadêmicas, onde as dúvidas de cada um poderiam ser colocadas em uma caixa, a fim de preservar suas identidades e evitar constrangimentos. Além disso, não demonstraram interesse em discutir sobre os tipos de doenças mais importantes, pois alegaram que o assunto abordado não teria importância para a vida deles. Em contrapartida, outras duas turmas (uma da mesma série e outra da 8ª série) diferentemente receberam de maneira positiva a discussão dessa temática, participando produtivamente com perguntas e diálogo franco.

Esta experiência nos mostrou que as turmas são sempre diferentes uma da outra e que o professor pode trabalhar um mesmo assunto, tentando resgatar a temática proposta anteriormente, insistindo e propondo outras metodologias e roupagens. Essa auto-avaliação deve ser constante, pois só assim poderemos nos aproximar daqueles que são o motivo principal de nosso ofício, pois como já dizia Freire, (1996), não há docência sem discência: cabe à nós, educadores, sermos justos, críticos, ter bom-senso, oportunizar espaços para o diálogo e, acima de tudo, ter a humildade para admitir erros e querer acertar novamente.

4. CONCLUSÕES

Esta experiência nos permitiu desenvolver a consciência do nosso papel como educadores e da responsabilidade de otimizar espaços e oportunidades em ambientes e condições nem sempre favoráveis ao desenvolvimento de novas ideias e metodologias.

Manter o foco, a auto-avaliação constante e desenvolver a criatividade, a fim de não perdermos de vista objetivos básicos, como: levar o conhecimento aos diferentes espaços da escola, promover a curiosidade e a admiração para com a ciência, divulgar a biologia e as incríveis relações entre os seres vivos e seu meio ambiente.

O maior desafio é não esquecer o lúdico, o subjetivo, a ideia do inacabado, da conquista dos sonhos, para que não nos tornemos sujeitos insensíveis e egoístas, mas que possamos sempre escutar o “canto dos pássaros” e querer “descobrir” como eles se chamam, pois isso fará toda a diferença na humana docência (ALVES, 1933).

5. REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Pinóquio às avessas**. Campinas, São Paulo: Verus, 1933.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011b.

DEMO, P. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 80p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Ética, 2001.